

OS SACERDOTES DA COMPANHIA DE JESUS QUE ATUARAM COMO VIGÁRIO NA PARÓQUIA SANTO INÁCIO/LAJEADO-RS, ENTRE 1881 A 1928

Marcos Rogério Kreutz¹

Neli T. G. Machado²

Resumo: A Paróquia Santo Inácio de Lajeado foi fundada em 1881 pela Companhia de Jesus. Durante 47 anos, dez sacerdotes jesuítas atuaram como párocos ou administradores. O objetivo do presente artigo é descrever a passagem destes padres até 1928, ano que a Paróquia passa a ser administrada pelo clero secular. A pesquisa foi realizada a partir dos Livros Tombo da Igreja, bem como informações prestadas pelo Padre Claudio Pires da Província Brasil Meridional. Durante a passagem dos padres pela Paróquia, foi possível observar fatos marcantes para Lajeado, como a fundação do Colégio São José.

Palavras-chave: Sacerdotes. Companhia de Jesus. Paróquia Santo Inácio.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo descrever a passagem dos dez sacerdotes da Companhia de Jesus, que desenvolveram as funções de párocos e administradores, na Paróquia Santo Inácio da cidade de Lajeado, Estado do Rio Grande do Sul.

Desmembrada da Paróquia Santo Antonio de Estrela, foi criada por lei provincial nº 1.341, de 27 de Maio de 1881, assinada pelo então bispo Dom Sebastião Dias Laranjeira, sendo seu primeiro administrador, o sacerdote jesuíta Padre Eugênio Steinhart.

Dos dez sacerdotes que dirigiram a paróquia, nove deles eram europeus e somente um, Theodoro Treis, era brasileiro. Na sua maioria eram alemães, facilitando assim o entendimento com os imigrantes. Vale lembrar que em muitas colônias no Estado do Rio Grande do Sul só se falava o alemão. Na realidade foram mais do que dez sacerdotes jesuítas atuando em Lajeado, mesmo antes de se tornar paróquia, pois inúmeros padres vinham atender os moradores locais. Depois da criação, além do pároco (vigário), havia também os coadjutores que auxiliavam os titulares em suas tarefas.

2 A COMPANHIA DE JESUS

A Companhia de Jesus foi criada em 1534, na Igreja de Santa Maria, localizada em Montmartre - França, por sete estudantes da Universidade de Paris. O grupo era formado por Inácio de Loyola, Pedro Fabro, Francisco Xavier, Alfonso Almeron, Diogo Laynez, Nicolau Bobedilla, todos espanhóis,

¹ Graduando do Curso de História do Centro Universitário Univates, mestre em Ambiente e Desenvolvimento, professor e pesquisador. mrk@bewnet.com.br

² Doutora em Arqueologia, professora do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento e do Curso de História do Centro Universitário Univates. nelitgm@terra.com.br

mais o estudante português, chamado Simão Rodrigues. Em 1537, eles foram ordenados padres pelo bispo de Arbe, na cidade de Veneza, Itália.

O grupo chefiado por Loyola chegou em Roma em 1540, quando o Papa Paulo III publicou a bula *Regimini Militantis Ecclesiae*, aprovando a “Sociedade de Jesus”. O mesmo Inácio de Loyola se tornava o primeiro superior geral. A intenção dos sete estudantes era que o pontífice os designasse para a Terra Santa, porém era apenas um desejo, pois era o papa que decidiria o local ([DUFFY, 1998, p. 167](#)).

Conforme [Duffy](#) (1998, p. 167), “os jesuítas se tornariam a mais importante força isolada da reforma católica e um dos principais sustentáculos do papado”. Justamente a Companhia foi criada pouco antes da reforma Católica, a chamada Contra-Reforma, movimento reacionário à Reforma Protestante. Para o mesmo autor, “a Igreja ficaria melhor organizada e equipada, seria mais clerical, mais vigilante, mais repressiva, enfim, tornar-se-ia uma instituição mais formidável” (p. 168).

A Companhia de Jesus era uma organização com uma rígida disciplina, servindo ao papa com muita lealdade, sem questionamentos, cujo lema era *Ad Majorem Dei Gloriam*, traduzindo, “Tudo por uma maior glória de Deus”. Lutou fervorosamente contra o avanço do protestantismo na Europa, além de missões na Ásia, África e América do Sul.

Para [Barnadas](#) (2004, p. 525), a Companhia de Jesus era fruto de um cunho reformador, e, com esta intenção, foi sua intervenção na América: “procuravam implantar um cristianismo isento de erros que desfiguravam a Fé na Europa. Seu impulso utópico acabou por florescer plenamente no século XVII, com as chamadas Reduções jesuíticas”.

Os jesuítas que vieram para América, alguns já eram padres, outros apenas “irmãos”. Em sua maioria tinham alguma formação religiosa, tinham estudado teologia, gramática ou latim, ou tinham conhecimento de algum ofício como carpinteiro, entretanto desconheciam as dificuldades, não estavam preparados para a vida dura no novo continente ([GAMBINI, 2002](#)).

Segundo [Gambini](#) (2002, p. 97), “Inácio de Loyola destacava a obediência e disciplina como sendo as principais virtudes dos soldados de Cristo, cujas vidas deviam ser guiadas pela mística do serviço”. Cada integrante da Companhia deveria “servir”, tornar-se indiferente a todas as coisas criadas, chegando ao limite de não desejar pobreza ou riqueza, nem saúde ou doença, ou vida longa ou breve.

2.1 A Companhia de Jesus no Brasil e no Rio Grande do Sul

No Brasil, conforme [Bruxel](#) (1987, p. 7), a Companhia de Jesus foi enviada em 1549, “veio o P. Manuel da Nóbrega com mais cinco jesuítas, e com outros tantos em 1553, o P. José de Nóbrega”, sendo que na Bahia fixaram a sua primeira residência.

Apartir de 1605, jesuítas portugueses penetraram no Rio Grande do Sul estabelecendo reduções desde o Mampituba até a zona do Gravataí. Entretanto estas, não prosperaram, principalmente por dois motivos, o primeiro a falta de apoio das autoridades jesuítas da Província do Brasil, com sede em Salvador e o segundo, a hostilidade bandeirante em busca do aprisionamento indígena ([PESAVENTO, 2002](#)).

Já sob bandeira espanhola, os jesuítas penetraram no Rio Grande do Sul fugindo do ataque dos bandeirantes nas reduções do Paraguai. Em 1626 estabeleceram reduções na chamada zona do Tape, que se estendia pela bacia do Rio Jacuí, “limitando-se, por um lado com os contrafortes das serras do Mar e Geral e com o rio Uruguai, por outro” ([PESAVENTO, 2002, p. 8](#)).

Esta fundação, segundo essa autora, representou uma espécie de dilatação das missões do Paraguai para o Rio Grande do Sul. Entretanto, também não teve sucesso, pois em 1640, os jesuítas abandonaram a região em função do elevado número de indígenas presos pelos bandeirantes. Os padres, levando índios, rumaram para a outra margem do Rio Uruguai. Somente a partir de 1682, os jesuítas retornam ao Rio Grande do Sul, fundando os Sete Povos das Missões, muito em função da exploração do gado.

Ao longo do século XVIII, os jesuítas transformaram a Companhia de Jesus em uma estrutura rica e poderosa. Segundo [Wassermann e Guazzelli](#) (1996, p. 80), “as missões jesuíticas destacavam-se entre as propriedades eclesiásticas”. As reduções eram auto-suficientes, produziam gêneros para manter a estrutura e o excedente era exportado. A seu favor contavam também com a facilidade de atrair mão-de-obra, os índios eram supostamente protegidos e catequizados.

Para [Duffy](#) (1997, p. 193) a situação da Companhia de Jesus, “era uma pedra no sapato das grandes potências coloniais. Essa poderosa organização internacional, como a própria Igreja, obstruía a consolidação do poder absoluto da monarquia no interior de seus próprios domínios”.

No Brasil esta ruptura representou a expulsão da ordem, imposta pelo Marques de Pombal. Segundo [Maxwell](#) (1996, p. 92), “a 3 de outubro de 1759 o governo português decretou a proscricção e a expulsão da Companhia de Jesus de todo o império, proibindo qualquer tipo de comunicação, verbal ou escrita, entre jesuítas e portugueses”.

[Barnadas](#) (2004) afirma que sem os jesuítas, a Igreja ficou praticamente indefesa diante do Estado. Este por sua vez intensificou no sentido de colocar a Igreja sob um controle mais rígido. Antes das independências das colônias espanholas, a Igreja, especialmente o alto clero, era mais dependente do Estado do que jamais fora.

Em 1773, a Companhia de Jesus foi extinta pelo pontífice Clemente XIV. O papa não apresentou nenhuma explicação para o seu ato. Entretanto, não demorou muito para que Companhia de Jesus voltasse a atuar, pouco mais de trinta anos. Ela foi recriada em 1814, durante o papado de Pio VII ([DUFFY, 1998](#)).

E a partir de 1849, chegaram os primeiros jesuítas alemães ao estado. Vieram para trabalhar com os imigrantes alemães, pois desde a vinda dos primeiros colonos em 1824, estavam sem o devido “atendimento religioso”. Dedicaram-se as missões populares, atendendo diversas regiões como São Leopoldo e Santa Cruz do Sul ([PROVÍNCIA DO BRASIL MERIDIONAL, 2008](#)).

3 A IMIGRAÇÃO ALEMÃ

Com o fim do período colonial, o Brasil abriu as portas para a imigração, recebendo novos fluxos populacionais de diversos países europeus, entre eles, imigrantes alemães. Os imigrantes alemães chegaram ao Rio Grande do Sul a partir de 1824.

Como a unificação de um Estado Nacional chamado Alemanha foi tardiamente, ocorrida em 1870, antes não existia essa nação, ocorreu “uma intensa transformação econômica, com a eliminação das terras comunais e com a desarticulação do trabalho artesanal, o que gerou uma tensão social muito grande” ([KÜHN, 2007, p. 87](#)). Como consequência, o número de pessoas sem terra e sem trabalho aumentou consideravelmente. A solução encontrada foi a imigração. Os Estados Unidos absorveram a maioria dos imigrantes alemães. Já no Brasil, os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul absorveram um grande contingente de imigrantes.

Colaboraram outros fatores para o deslocamento da Alemanha para o Brasil, não só os sociais, provocados pela industrialização e perda de terras, mas sim o interesse do Brasil. Estes imigrantes poderiam produzir alimentos, abastecendo o mercado interno, bem como servir como novos soldados na defesa das fronteiras brasileiras, entre elas, a região do Prata ([PESAVENTO, 2002](#)).

A imigração alemã deu-se em três fases. A primeira, entre 1824 a 1845, os colonos foram destinados para a região de São Leopoldo. Nesta etapa houve a suspensão temporária da imigração em virtude de conflitos como a Revolução Farroupilha ([KÜHN, 2007](#)).

A segunda fase, a partir de 1846 foi retomada a imigração alemã. Segundo [Kühn \(2007, p. 89\)](#), “a expansão passou a ser feita principalmente em direção aos vales do Taquari e Rio Pardo, sendo fundadas as colônias de Feliz, Bom Princípio, Estrela, Lajeado, Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires e São Lourenço do Sul”. A terceira etapa foi a partir de 1870, marcada pelo desenvolvimento da industrialização.

No Vale do Taquari, os primeiros imigrantes alemães chegaram em 1853. “Nessa fase, a região passa a interessar ao projeto oficial de colonização baseado na pequena propriedade rural” ([AHLERT; GEDOZ, 2001, p. 64](#)).

Segundo [Schierholt \(1993\)](#), o primeiro imigrante alemão a adquirir terras na Fazenda dos Conventos (Colônia), de Antônio Fialho de Vargas, foi João Luís Kramer em 1856. A partir desta época, inúmeros imigrantes alemães se instalaram em Lajeado.

4 A FUNDAÇÃO DE LAJEADO

Foi a partir da promulgação da Lei de Terras de 1850, regulamentada em 1854, que se deu o processo mais significativo de ocupação e povoamento do Vale. Os negócios imobiliários tornaram-se bastante expressivos, administrados por negociantes empreendedores (colonizadores privados). E um dos precursores na região foi Antônio Fialho de Vargas, que adquiriu fazendas para fins de estabelecimento de colônias agrícolas ([AHLERT; GEDOZ, 2001](#)).

Segundo [Schierholt \(1993, p. 63\)](#), Fialho de Vargas fundou em 20 de março de 1855, a Colônia Conventos, através

[...] de uma sociedade denominada Batista & Fialho Cia., formada de quatro partes, sendo sócios João Batista Soares da Silveira e Souza (primo de Antônio) e sua esposa Ana Joaquina de Jesus, Manuel Fialho de Vargas (irmão de Antônio) e sua esposa Maria Rita de Andrade Fialho e o próprio Antônio Fialho de Vargas (com duas partes), como diretor da empresa e morador-administrador da Colônia. Fora dessa empresa, aplicando seus lucros, Antônio Fialho de Vargas adquiriu outras glebas de terras em Arroio do Meio, Muçum e Estrela. Em Lajeado traçou ruas, construiu seu sobrado em dois pavimentos, lançando as bases de um núcleo urbano. Hospedava cada pioneiro, até que, em forma de mutirão, a moradia provisória na clareira de cada lote colonial pudesse abrigar a família imigrante.

Antonio Fialho de Vargas começou a vender lotes nas imediações do Rio Taquari e adquiriu terras mais baratas um pouco mais afastadas para revede-las mais tarde. Aí se dá o processo de colonização da região.

Fialho de Vargas inicialmente se estabeleceu na margem direita do Rio Taquari, no bairro atual de Carneiros. Entretanto devido as dificuldades impostas, Fialho de Vargas construiu a nova sede da fazenda pouco mais abaixo, pois em certos períodos do ano o rio não permitia uma boa navegabilidade. Conforme [Schierholt \(1993, p. 82\)](#), em “função do estabelecimento do engenho e do

porto começou a se formar o primitivo núcleo urbano de Lajeado. A serraria provocou o alargamento dos piques e abertura de novas estradas para o transporte das toras e madeiras serradas". Surge o núcleo urbano da cidade de Lajeado.

5 A IGREJA CATÓLICA E A CRIAÇÃO DA PARÓQUIA SANTO INÁCIO

Mesmo que o catolicismo ocupasse um lugar de destaque durante o Brasil Imperial, os imigrantes alemães católicos que chegavam ao Rio Grande do Sul ficaram deslocados, pois os imigrantes em sua maioria eram protestantes. Segundo [Roche](#) (1969, p. 680),

[...] o bispado de Porto Alegre só foi instituído em 1848, estando, até então, ligado ao do Rio de Janeiro. Custa-nos, certamente, imaginar o espanto dos recém-chegados diante dessas distâncias e diante das lacunas de organização eclesiástica, visto que os padres pareciam mais preocupados com política do que com a vida pastoral. Apesar da construção de uma capela em São Leopoldo no ano de 1830, os imigrantes católicos, durante os vinte e cinco primeiros anos, só conheceram 'reides de batismo e de casamentos'. Essas excursões eram efetuadas pelo padre residente na igreja matriz, Santa Ana do Rio dos Sinos, para cumprimento dos atos essenciais, ministrar alguns sacramentos, confessar e celebrar a missa. Mas essas visitas apenas se realizavam duas ou três vezes ao ano, no máximo, e o padre – que não falava nem entendia o alemão – contentava-se, de ordinário, com dar uma absolvição geral antes da comunhão. Não podia ter nenhuma influência direta na vida religiosa de suas novas ovelhas.

Somente em 1849 chegaram à Colônia de São Leopoldo os primeiros padres de língua alemã, os Padres Lipinski e Sedlek. Com o aumento da imigração alemã no estado, o número de católicos também cresceu. A partir disso, outros padres, na maioria jesuítas foram chamados, criando várias paróquias, entre elas a de Estrela, em 1873 ([ROCHE, 1969](#)).

Com a criação da freguesia de Santo Antonio de Estrela, desmembrada da freguesia São José de Taquari, erigida e instituída canonicamente pela Provisão Eclesiástica de 11 de julho de 1873, assinada por Dom Sebastião Dias Larangeira, Bispo da Diocese de São Pedro do Rio Grande do Sul, favoreceu todos os moradores da margem esquerda do Rio Taquari. Entretanto os católicos situados na margem direita do rio dependiam ainda da longínqua paróquia de Santo Amaro ([SCHIERHOLT, 1997](#)).

Em 1874, por solicitação de moradores da Colônia de Conventos (atual município de Lajeado), postularam junto ao bispo a anexação desta colônia à paróquia de Estrela. "Pela Lei nº 916, de 24/4/1874, todo o futuro território da Paróquia de Santo Inácio foi adjudicado à freguesia de Estrela, o que lhe triplicou a superfície" ([SCHIERHOLT, 1997, p. 25](#)).

E em 1881, foi definitivamente criada a Paróquia Santo Inácio. A fundação da mesma está registrada no Livro [Tombo 01](#) (1881, p. 01):

Esta freguesia de S. Ignácio dos Conventos foi creada por lei provincial nº 1341 de 27 de Maio de 1881. Erigida canonicamente por Provisão do Bispo Diocesano de 11 de Julho de 1881 nestes termos: Dom Sebastião Dias Larangeira por mercê de Deos e da Santa Sé Bispo de S. Pedro do Rio Grande do Sul, Prelado Assistente ao Solio Pontifício do Conselho de S. M. o Imperador. Aos que a presente virem, saúde e benção. Fazemos saber que attendendo ao que nos requererão os moradores da povoação do segundo districto do município de Estrella a ao bem espiritual dos mesmos, Havemos por bem crear e elevar a cathegoria de Freguesia sob a invocação de S. Ignácio a dita povoação com os limites marcados na lei provincial nº 1341 de 27 de maio de 1881, ficando assim erecta e canonicamente instituída em parochia na forma do sagrado Concilio Tridentino. Portanto

concedemos a supradita Freguesia de S. Ignácio pleno direito e faculdade para ter sacrário em que se conserve o Sacramento da Eucharistia para consolação dos fiéis, havendo a necessidade [], e tendo vendas suficientes para a conservação da alampada accesa de dia e de noite, pia batismal, cemitério para sepultura dos parochianos defuntos, campanários, torres, sinos e todas as mais distincções de uma Igreja parochial. O Revdo Parocho respectivo haverá a [] na conformidade das leis em vigor, alem dos guiamentos da Parochia e o que for applicado a sua fabrica e participará das oblações matrimoniaes, nos baptismos e desobriga na quaresma, nos officios e enterramentos dos defuntos e todos os mais direitos de estolla que por lei estão estabelecidas. Esta será publicada em um domingo ou dia festivo a estação da missa conventual para que chegue a noticia a todos de que passara certidão no verso desta para a todo tempo constar, sendo antes registrada na vossa Câmara Ecc^a e mais partes onde convier. Dada e passada na Secretaria Ecclesiastica do Bispado em Porto Alegre sob o signal e sello das nossas armas aos onze dias do mez de julho de mil oitocentos oitenta e um. E eu o Cônego Francisco Antônio Pereira de Oliveira secretario do Bispado subscrevi.

Conforme determinação do Bispo Diocesano do Bispado de Porto Alegre, em maio de 1881 foi criada a Paróquia Santo Inácio. Foi designado como primeiro administrador o Padre Eugênio Steinhart.

5.1 Sacerdotes jesuítas que atuaram como párocos na Paróquia Santo Inácio

A biografia dos dez padres jesuítas que desenvolveram suas atividades em Lajeado, como administrador ou pároco, foram extraídas do Livro Tombo 01, que faz parte de acervo da Paróquia Santo Inácio, bem como de informações prestadas pelo Padre Claudio Pires SJ, secretário da Província Brasil Meridional com sede em Porto Alegre/RS

Inicialmente não fora designado nenhum vigário para administrar a paróquia. O padre Eugênio Steinhart (FIGURA 01), vigário de Estrela, foi então o primeiro administrador, acumulando as funções.

Figura 01 –Administrador Eugênio Steinhart



Fonte: [Acervo da Paróquia Santo Inácio de Lajeado \(2008\)](#)

O jesuíta Eugênio Steinhart nasceu em Dettingen, Alemanha em 01 de junho de 1838. Fora nomeado administrador segundo registra o Livro Tombo 01 (1881, p. 01v):

Por officio do Provisor do Bispado da data de 15 de julho de 1881: se nomeou Administrador desta freguesia de S. Ignácio de Conventos na forma seguinte: Bispado de São Pedro do Rio Grande do Sul, Porto Alegre aos 15 de julho de 1881. Por provisão de 11 do corrente mez S. E^a Ver S. Bispo Diocesano creou e deu instituição canônica a freguesia de Santo Ignácio no 2º Districto do Município de Estrella e desmembrando do território d'essa freguesia digo parochia os limites marcados na respectiva lei provincial nº 1341 de 27 de maio ultimo o que comunico a V. para seu conhecimento e devidos effeitos, cumprindo lhe continuar na administração do pasto espiritual e os moradores da nova freguesia até que ella seja provida de Parocho. Deos guarde a V. Revdo. [...] Vicente Pereira de Oliveira Pinheiro. Ao Revdo Vigário da freguesia de S. Ant^o. da Estrella. Nada mais contem o officio referido que copiei fielmente, e a que me refiro do que dou fé. Eu Vig Eugenio Steinhart Vigário de S. Ant^o. da Estrella.

O primeiro pároco³ nomeado para a paróquia foi o padre Germano Schleper. O jesuíta nascido em Hannover, Alemanha, em 27 de agosto de 1836, assumiu em Lajeado, vindo de Estrella onde era coadjutor⁴ (PIRES, 2008). Sua nomeação está no Livro Tombo 01 (1881, p. 02v):

Aos seis de abril de mil oitocentos oitenta e três chegou para esta parochia de Santo Ignácio dos Conventos o primeiro Vigário Encomendado o R. P. Germano Schleper, succedendo ao Administrador R. P. Eugenio Steinhart. A Provisão de São Gabriel [...] fl. 5. O R. P. Germano Schleper ficou aqui três annos e sete mezes trabalhado infatigavelmente nesta vinha do Senhor até somar-se doentíssimo.

Schleper deixou Lajeado em 1885, após três anos de atividade, sendo transferido para São Leopoldo. Padre Germano Schleper faleceu em 14 de março de 1890 no município de Montenegro.

O segundo pároco nomeado para a paróquia foi João Haltmeyer. Natural da Alemanha nasceu em 16 de agosto de 1845. Durante suas atividades, importantes acontecimentos fizeram a história do Brasil, entre eles a Abolição da Escravatura. Uma pequena nota, redigida pelo padre Haltmeyer figura no Livro Tombo 01 (1881, p.04):

Aos 29 de julho de 1888 uma Circular do Bispado de S. Pedro do Rio Grande do Sul, participando da abolição da escravidão no Brasil junto com a lei nº 3353 de 13 de maio de 1888, foi lida a estação da Missa Conventual de que para constar fiz este termo que assignei P. João Haltmeyer, Vigário.

Outro aspecto marcante foi a Proclamação da República em 1889, cujo Governo Provisório institui o casamento civil. Conforme consta no Livro Tombo, a Igreja Católica não admitia a mudança, afirmando que a união de um casal somente seria efetivada após a celebração do sacramento.

O pároco Haltmeyer após exercer por 12 anos suas atividades em Lajeado foi para São Leopoldo exercer a função de vigário paroquial. Faleceu na mesma cidade em 17 de janeiro de 1909.

Padre Bernardo Bollé foi o terceiro pároco a assumir a paróquia. Veio para Lajeado em 1898, e ficou até o final de 1906. Nasceu em Rinkerode, Alemanha em 20 de outubro de 1855. Antes da Paróquia Santo Inácio, atuava na Paróquia Santo Antonio de Estrella, conforme transcrição do Livro

³ Pároco: sacerdote que tem a seu cargo uma paróquia, comunicação pessoal do Padre Alfonso Antoni.

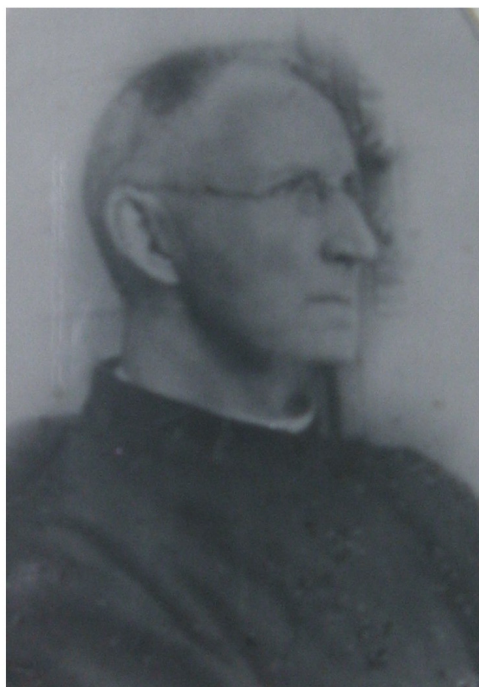
⁴ Coadjutor: padre que ajuda o pároco no exercício de seu ministério, comunicação pessoal do Padre Alfonso Antoni.

Tombo 01 (1881, p. 13):

A provisão do Vig. P. Bernardo Bolle é esta: Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão da Congregação da Missão, por Mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica Bispo de S. Pedro do Rio Grande do Sul. Aos que a presente Provisão virem Saúde e Benção. Fazemos saber que attendendo as necessidades espirituas dos parochianos da Freguezia de Santo Ignácio do Lajeado e a capacidade que concorre na pessoa do Rdo. Vigário Enc. da dita Freguezia, o qual cargo exercerá por um anno, se antes não mandamos o contrario, como convem ao serviço de Deus e bem das almas dos moradores da mencionada Freguezia, aos quaes administrará os sacramentos da Igreja e cumprirá os mais deveres inerentes ao seu sagrado ministério. E no exercício do referido cargo haverá os proés e precalços, e mais benesses que diretamente lhe pertencerem, cumprindo a residência na mesma Freguezia, conforme determinão o sagrado concilio Tridentino e Constituição Diocesanas de que dará contas a Deos Vosso Senhor. Mandamos portanto debaixo das penas que vos parecerem necessárias e em virtude da santa obdiencia aos parochianos da supra dita Freguezia de Stº Ignácio de Lajeado reconhecerão ao referido Rdo. Bernardo Bolle por seu legitimo Parocho, e como tal o estimem, obedeção e como o tratem estar tudo quanto são obrigados. É para que esta Nossa Provisão em tudo se cumpra, será lida em a primeira Domingo ou dia festivo, à estação da missa conventual, e apresentado ao Vigário da Vara respectiva, e depois de finda não terá nenhum valor, devendo com a mesma requerer Nos nova Provisão. Dada e passada na Câmara Eclesiástica do Bispado em Porto Alegre sob o Nosso Signal e Sello aos 25 de janeiro de 1898.

No período que o Padre Bollé esteve em Lajeado, a paróquia comemorou em 11 de julho de 1906 seu Jubileu. A passagem da data festiva foi marcada com procissão e festa. O jesuíta foi transferido para a cidade de Santa Cruz do Sul onde veio a falecer em 24 de julho de 1926.

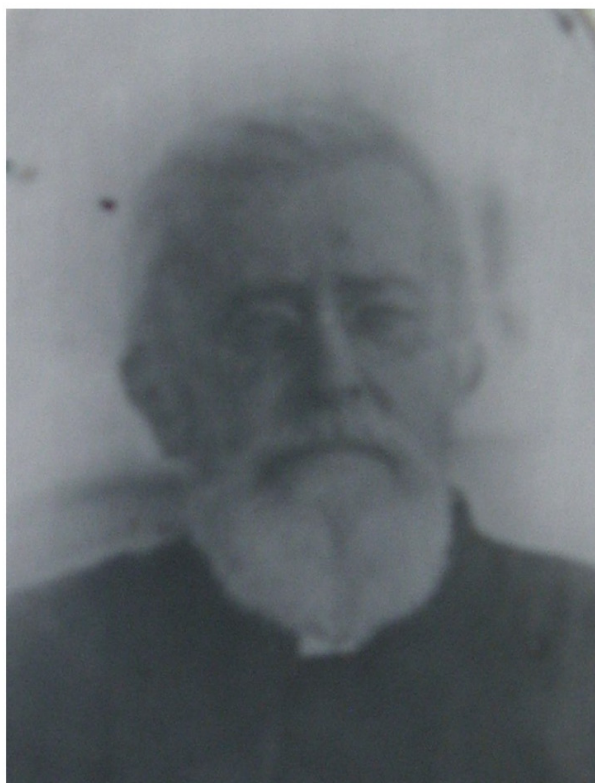
Figura 02: Padre Bernardo Bollé



Fonte: [Acervo da Paróquia Santo Inácio \(2008\)](#)

A fundação do Colégio São José foi sem dúvida uma das grandes realizações da Companhia de Jesus em Lajeado. O Vigário que estava na época era o Padre Pedro Gasper. O sacerdote nasceu em 17 de abril de 1853 em Birkesdorf, Alemanha, assumindo a paróquia no início de 1907, vindo de Ivoti/RS.

Figura 3 – Padre Pedro Gasper



Fonte: [Acervo da Paróquia Santo Inácio \(2008\)](#)

O colégio começou a ser projetado em 1907 pelo Padre Gasper e por uma comissão, formada por moradores de Lajeado que deram apoio financeiro para execução do projeto, e, em 1910 iniciou as atividades. O colégio dava preferência à educação de meninos católicos alemães. A criação do colégio consta no Livro Tombo 01 (1881, p. 17) como se vê neste fragmento do texto original:

Nos annos 1907 – 1909 pela iniciativa do R. P. Pedro Gasper construi-se o collegio parochial – São José – para meninos. João Rockenbach, Pedro Kreutz, Pedro Ruschel, Carlos Spohr, José Kasper, José Träsel, Pedro Muller, José Rockenbach, Jacob Scheid, Guilherme Arenhart, Reinhold Arenhart, João Becker, José Diel, Carlos Schnorr, Nicolão Schneider, Adão Rockenbach prometeram a garantia de juro para cinco annos. Aos seis de março de 1910 tomou sobre si a formação da associação dos fundadores o R. P. João Rick, os quaes se obrigaram a pagar para dez annos annualmente dez [...] cinco milreis para amortizar a divida. Os senhores acima citados encorporaram-se também a essa associação. Durante vinte annos o collegio fará rezar annualmente trez missas na Matriz e uma em S. Clara e na Barra para os fundadores. Na ocasião dessa missa os nome dos fundadores são lidos do púlpito. Os outros contribuintes gozarão também do beneficio dessas missas. Os fundadores eram pouco mais o menos de cem membros, além disso fizeram-se collectas nas capellas annualmente uma vez e na Matriz mensalmente. Custou o collegio 32:828 060#.

A administração do Colégio São José fora confiada aos Irmãos Maristas, que prestavam contas ao Vigário e a Comissão responsável pela criação do colégio. De acordo com o contrato firmado, questões como o número de dias letivos, as disciplinas a serem ministradas, entre outras, também deveriam ser aprovadas pelos mesmos.

Depois de permanecer por cinco anos em Lajeado, o Vigário Pedro Gasper foi transferido para a Paróquia de Santa Cruz do Sul. Faleceu em 11 de agosto de 1838 na cidade de São Leopoldo.

Figura 4 – Colégio São José ao lado da Igreja



Fonte: [Acervo da Paróquia Santo Inácio de Lajeado \(2008\)](#)

O quinto vigário que passou pela paróquia entre 18 de fevereiro de 1912 a 07 de abril de 1918 foi o Padre Emilio Reichmuth. Encontra-se em apenas uma linha do Livro Tombo 01 (1881, p. 21), a sua efetivação “aos 18 de fevereiro de 1912 publicação do novo Vigário P. Emilio Rechmuth”.

Figura 05 – Padre Emilio Reichmuth



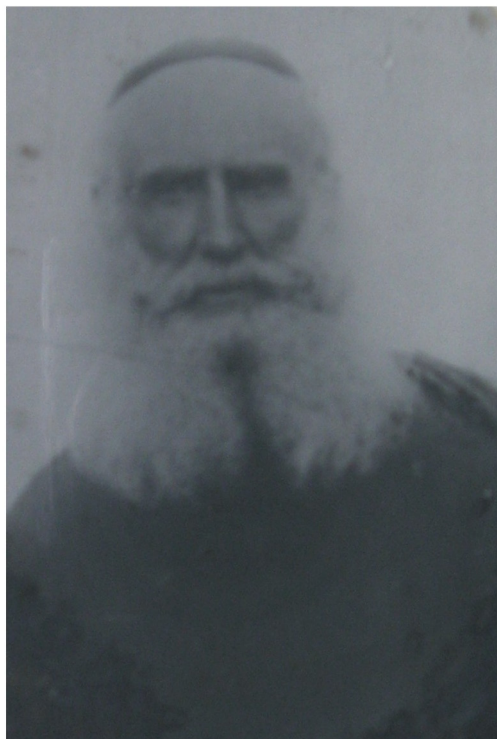
Fonte: [Acervo da Paróquia Santo Inácio \(2008\)](#)

O Vigário Emilio Reichmuth nasceu na Suíça em 01 de janeiro de 1852 e faleceu em São Leopoldo em 07 de junho de 1933. Antes de assumir em Lajeado, o padre Emílio atuava em Estrela/RS.

Em 07 de abril de 1918 toma posse o Padre Oscar Zoller na Paróquia Santo Inácio. Zoller nasceu na Suíça em 06 de fevereiro de 1873. Antes de assumir a paróquia de Lajeado, atuava na cidade de Nova Trento, estado de Santa Catarina. O jesuíta permaneceu até 04 de fevereiro de 1923, sendo transferido para Bom Princípio. Faleceu em 27 de novembro de 1933.

O sétimo vigário, padre da Companhia de Jesus, foi Julio Hornung, cuja passagem foi muito rápida. Ficou na paróquia de fevereiro de 1923 até junho de 1923. Não há registro do motivo da sua curta passagem.

Figura 06 – Padre Julio Hornung



Fonte: [Acervo da Paróquia Santo Inácio \(2008\)](#)

Em 25 de junho de 1923 o Padre Antonio Bügelmann toma posse como vigário na Paróquia Santo Inácio. Bügelmann nasceu em Dölmen na Alemanha em 12 de agosto de 1860. Antes de assumir em Lajeado, atuava em São Leopoldo. A sua passagem marca um importante episódio no Rio Grande do Sul, a Revolução Federalista. Na página 30 do Livro Tombo 01 há uma nota solicitando a celebração de uma missa em ação de graças pelo restabelecimento da paz no estado.

Figura 07 – Padre Antonio Bügelmann



Fonte: [Acervo da Paróquia Santo Inácio \(2008\)](#)

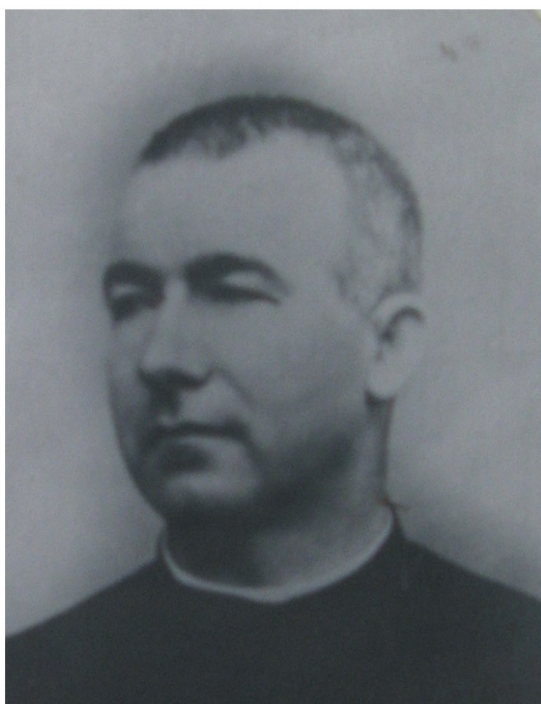
Padre Antonio Bügelmann foi transferido para a cidade de Dois Irmãos. Faleceu em 09 de agosto de 1946, na cidade de Itapiranga, estado de Santa Catarina, três dias antes de completar 86 anos.

O último padre jesuíta nomeado pároco da Paróquia Santo Inácio de Lajeado foi Theodoro Treis. Treis que era brasileiro, nasceu em Novo Hamburgo/RS em 21 de maio de 1855. Assumiu em 11 de janeiro de 1925, e permaneceu até 21 de janeiro de 1928, quando o clero secular assumiu a administração da paróquia.

O Livro Tombo 01 (1881, p. 37) registra a passagem:

No dia 26 de Janeiro de 1928 despediram-se e retiraram-se desta parochia do Lageado os Revnos. Padre Theodoro Treis S.J. e Padre Roberto Meyer S.J. respectivamente vigario e coadjutor. Os Revnos. Padres Jesuítas, desde o anno de mil novecentos digo mil oitocentos oitenta e um, administraram esta parochia com muita dedicação e zelo apostolico, passando a ser administrada, desde o dia 22 de janeiro de 1928, pelo clero secular.

Figura 08 – Padre Theodoro Treis



Fonte: [Acervo da Paróquia Santo Inácio \(2008\)](#)

No Livro Tombo 01 também há uma relação redigida pelo Vigário Padre Pedro Leão Mallmann, que substituiu o Vigário Theodoro Treis, relacionando todos os nove párocos, padres jesuítas, que atuaram na paróquia durante 47 anos. Segundo o Livro Tombo 01 (1881, p. 40):

criação da Parochia do Lageado, e seus vigários
Creada por lei provincial nº 1341 de 27 de Maio 1881. Erigida canonicamente pelo Exmo. e Rev. Sr. Bispo Diocesano Dom Sebastião Dias Lorangeira em 11 de Julho de 1881.
15 de Julho 1881, Rev. P. Eugenio Steinhorst (Estrella): administrador.
6 abril 1883, Rev. P. Germano Schleper, 1º vigário.
9 Novembro 1885, P. João Haltmeyer, 2º vigário.
25 Janeiro 1898, Rev. P. Bernardo Bolle – 3º vigário.
Fins de 1906, Rev. P. Pedro Gasper – 4º vigário.
18 Fevereiro 1912, Rev. P. Emilio Reichmunt – 5º vigário.
7 Abril 1918. Rev. P. Oscar Zoller – 6º vigário.
4 Fevereiro 1923, Rev. P. Julio Hormung – 7º vigário.
25 Junho 1923, Rev. P. Antonio Bügelmann – 8º vigário
11 Janeiro 1925, Rev. Theodoro Treis, 9º vigário.
22 Janeiro 1928, toma posse P. Pedro Leão Mallmann, 10º vigário.
Portanto, os Revnos. Padres Jesuítas, administraram a parochia de Lageado, durante 47 anos, passando a ser administrada desde 22 de Janeiro de 1928, pelo clero secular, sendo o primeiro vigário e coadjutor, respectivamente: P. Pedro Leão Mallmann e Rev. P. Pedro Henrique Vier, da Archidiocese de Porto Alegre

Assim encerrou um ciclo de administração jesuítica na Paróquia Santo Inácio de Lajeado, antiga Freguezia de Santo Inácio. Em Lajeado os padres jesuítas prestaram serviços e atenderam a população por mais de quatro décadas.

6 CONCLUSÃO

A Companhia de Jesus foi responsável por atender “as necessidades espirituais” dos moradores da Freguezia de Santo Inácio (Paróquia Santo Inácio), inicialmente imigrantes e descendentes de portugueses e açorianos e mais tarde alemães e seus descendentes. Durante 47 anos, entre 1881 até 1928, esteve na administração da Igreja Católica em Lajeado. A partir dos textos publicados no Livro Tombo 01 verifica-se sempre uma postura firme e rígida para com os moradores locais.

Os sacerdotes vivenciaram fases importantes da história mundial, nacional e local. Não podemos esquecer fatos como a abolição, proclamação da República, I Guerra Mundial, Revolução Federalista, entre outros. Todos estes episódios estão elencados no Livro Tombo 01. Alguns com destaque, outros mais singelos, mas sempre lembrados.

Um dos fatos mais marcantes foi a criação do Colégio São José. O colégio que mais tarde passaria a ser governado pelo Estado representa um marco na educação de Lajeado, pois ainda hoje é um dos principais educandários.

O Livro Tombo não registra o motivo da saída dos jesuítas da Paróquia, em janeiro de 1928. Somente em dois momentos que há a citação da transferência para o Clero Secular.

REFERÊNCIAS

ACERVO DA PARÓQUIA Santo Inácio. Fotos do Acervo. Lajeado: 2008. [1](#) [2](#) [3](#) [4](#) [5](#) [6](#) [7](#) [8](#)

AHLERT, Lucildo; GEDOZ, Sirlei Teresinha. Povoamento e desenvolvimento econômico na região do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul – 1822 a 1930. **Estudo & Debate**. Lajeado: UNIVATES, ano 8, n. 1, p. 49-91, 2001. [1](#) [2](#) [3](#) [4](#)

BARNADAS, Josep M. A Igreja Católica na América Espanhola Colonial. In: BETHEL, Leslie (Org). **História da América Latina Colonial**. São Paulo: Edusp, 2004, p. 521-551.

BRUXEL, Arnaldo. **Os trinta povos Guaranis**. Porto Alegre: EST/Nova Dimensão, 1987. [1](#)

DUFFY, Eamon. **Santos e Pecadores: história dos papas**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1998. [1](#) [2](#) [3](#) [4](#)

GAMBINI, Roberto. **Espelho índio**. Rio de Janeiro: Axis Mundi, 2002. [1](#) [2](#)

KÜHN, Fábio. **Breve história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2007. [1](#) [2](#) [3](#) [4](#)

LIVRO Tombo 01. **Paróquia de Santo Inácio**. Lajeado: 1881. [1](#) [2](#)

LOPEZ, Luiz Roberto. **História da América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

MAXWELL, Kenneth. **Marquês de Pombal: paradoxo do Iluminismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1996. [1](#)

PESAVENTO. Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002. [1](#) [2](#) [3](#) [4](#)

PROVÍNCIA do Brasil Meridional. **A província: histórico**. Disponível em: <<http://www.jesuitbrm.org.br/>>. Acesso em: 10 nov. 2008. [1](#)

PIRES, Claudio. **Província Brasil Meridional**. Porto Alegre, 2008. Informações repassadas via e-mail.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul I**. Porto Alegre: Globo, 1969. [1](#) [2](#)

SCHIERHOLT, José Alfredo. **Grão de mostarda: caminhada da Paróquia de Santo Inácio**. Lajeado: [s.e.], 1997. [1](#) [2](#)

_____. **Lajeado I**. Lajeado: [s.e.], 1993. [1](#) [2](#) [3](#) [4](#)

WASSERMAN, Cláudia; GUAZZELLI, César Barcellos. **História da América Latina: do descobrimento a 1900**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996. [1](#)

